

A mulher (na) política brasileira em perfis jornalísticos no Instagram

Brazilian Women in politics addressed on Instagram profiles

Juliana Morais Martins¹

Pontifícia Universidade Católica - PUC Minas

julianamoraism@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa os discursos sobre mulheres atuantes na esfera política no Brasil no Instagram. Assim, tem-se como pergunta de pesquisa: “Como se constitui o discurso sobre a mulher na política brasileira em postagens de perfis jornalísticos no *Instagram*?”. Para isto, buscou-se analisar as postagens veiculadas em três perfis presentes no SRS Instagram, a saber: *O Antagonista*, *Folha de S. Paulo* e a revista *Carta Capital*. Tem-se como linha teórico-metodológica a Análise do Discurso francesa (AD) com base nos estudos do filósofo Michel Foucault, notadamente as noções de discurso e enunciado. Para tanto, busca-se investigar as maneiras pelas quais o discurso sobre a mulher (na) política se revela e é construído em veículos jornalísticos de diferentes linhas políticas no Brasil, dentro do período pré-eleitoral de 2018. Por meio da análise do *corpus*, observaram-se as seguintes regularidades discursivas: i) a mulher ligada ao homem – a noção de família; ii) a invisibilidade da mulher (na) política. Nota-se a baixa reincidência de postagens que colocam a mulher em foco, como ponto central das matérias veiculadas no Instagram, bem como a construção de um vínculo dessa mulher com a figura masculina no momento em que esta adentra no campo político.

Palavras-chave: Análise do Discurso Foucaultiana; Mulher (na) política; Enunciado; Instagram.

ABSTRACT: This article analyzes the speech about women who active in the political sphere in Brazil on Instagram. Thus, the discursive question is: “How is the discourse about women in Brazilian politics developed in journalistic profile posts on Instagram?”. For this, we sought to analyze the posts published in three profiles present on Instagram, namely: *O Antagonista*, *Folha de S. Paulo* and a magazine *Carta Capital*. The theoretical-methodological line being used is the french Discourse Analysis (DA) based on the studies of the philosopher Michel Foucault, notably the notions of discourse and utterance. Therefore, we seek to investigate the ways in which the discourse about women in politics is revealed and constructed in journalistic vehicles of the different political approaches in Brazil, within the pre-electoral period of 2018. Through the analysis of the corpus, the following discursive regularities were observed: i) the woman linked to the man – the notion of family; ii) the invisibility of the woman in politics. Notably the low recurrence of posts that put women in focus, as the central point of the articles published on Instagram, as well as the constant construction of a bond between this woman and the male figure as she enters the political field.

Keywords: Foucauldian Discourse Analysis; Women in politics; Statement; Instagram.

¹ Mestra em Estudos Linguísticos, com ênfase em Análise do Discurso pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF). Atualmente, cursa Especialização em Revisão de Textos pela PUC Minas.

Introdução

Em 2010, Dilma Rousseff foi eleita ao cargo de Presidente da República, vinculada ao Partido dos Trabalhadores (PT). A primeira presidenta do Brasil, integrante de um partido associado às vertentes de esquerda. A candidata eleita detém uma carreira política extensa, tendo inclusive sido torturada e presa durante o Regime Militar. Contudo, durante sua atividade política, a então presidenta sofreu diversos ataques, constituídos com aspectos de misoginia, os quais desrespeitam sua existência com base em seu gênero. Tais ataques não foram dirigidos exclusivamente ao cargo que Dilma ocupava, mas às particularidades de ser um sujeito mulher. Entretanto, o fato de se eleger uma mulher para a Presidência da República reforçou o contexto promissor à votação de mais mulheres no âmbito político no Brasil, assim como este foi um período em que mais mulheres ocuparam cargos públicos no país. Com isso, podemos notar um acontecimento singular, que é capaz de alterar o espaço do Poder Público no Brasil.

Isto posto, é possível vislumbrarmos toda a discriminação, proibição e enfrentamento que o gênero feminino sofreu ao longo de sua trajetória na sociedade brasileira. Particularmente, sobre sua introdução em novos campos de trabalho – diferentemente daqueles locais a que perpetuamente essas já se dedicavam – e, ainda, seu direito a ocupar diversos lugares vistos como territórios de poder na comunidade, anteriormente, ocupados por homens. Frente a isso, este momento em que o gênero feminino dispõe de várias conquistas no campo de trabalho, mais especificamente na área política, mas que, ao mesmo tempo, ainda precisa ser defendida/garantida com políticas de cotas, nos levou a refletir acerca de como, discursivamente, a mulher é construída na esfera política no país. Para tanto, levantamos a seguinte pergunta de pesquisa: “Como se dá a produção de subjetividades da mulher (na) política brasileira a partir das postagens de veículos jornalísticos no Instagram?”²

Destarte, encontramos-nos em meio ao cenário eleitoral de 2018, instante em que se realizavam disputas políticas no meio dos Poderes Legislativos e Executivos no país. Especificamente, nesse pleito se promovem os componentes que integram o Congresso Nacional, isto é, se definem as funções de deputados federais, senadores, governadores, como também de Presidente e vice-presidente da República. Logo, percebemos uma competição acirrada entre as principais vertentes políticas presentes na sociedade brasileira.

² Este artigo é produto da dissertação *A construção discursiva da mulher (na) política brasileira em perfis do Instagram*, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL – UFU).

Entendemos que, desde os anos de 1990, o Brasil disponibiliza uma legislação que se preocupa com as cotas eleitorais e, assim, tem como propósito destinar uma porcentagem proporcional de candidaturas nas eleições para as mulheres. Essa é uma maneira de viabilizar e garantir a igualdade de acesso no interior da atividade pública, em seus setores políticos e cargos de liderança às mulheres brasileiras. Contudo, sabemos que mesmo com esse esforço, segundo pesquisa do IBGE, em 2017, período que antecede o que elegemos para nossa pesquisa, a taxa de tarefas exercidas por mulheres era inferior ao que se esperava, especificamente dentro do “Congresso Nacional era de 11,3%. No Senado Federal, composto por eleições majoritárias, 16% dos senadores eram mulheres e, na Câmara dos Deputados, composta por eleições proporcionais, apenas 10,5% dos deputados federais eram mulheres” (IBGE, 2017, p. 9). E, ainda, “Paraíba, Sergipe e Mato Grosso não tinham nenhuma mulher exercendo o cargo de deputada federal” (IBGE, 2017, p. 9).

Destacamos que este estudo se realiza baseado na perspectiva que diz respeito ao gênero, concepção elaborada para contestar a ideia de que a biologia é o único caminho possível. Dessa forma, “o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2018, p. 26). Assim, a concepção de gênero ressalta a pluralidade, bem como abarca a percepção complexa e variada do sexo, ou seja, não pressupõe que “‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2018, p. 26). Ademais, Butler (2018) ressalta a questão do aparelho de produção mediante o qual os sexos são definidos e, a partir disso, compreende que o gênero também é efeito do meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo, anterior à cultura uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2018, p. 27).

Priorizamos abordar e mencionar sobre a mulher somente por meio da perspectiva do aspecto físico do ser humano, isto é, focamos na observação visual do corpo que aparece na imagem, assim como no texto que está na legenda de determinada postagem. Assim, no decorrer do artigo, lidamos com o substantivo feminino “mulher” e o termo “sexo feminino” para referirmos à mulher (na) política.

Ademais, sabemos da presença de mulheres trans na política brasileira, entretanto, essas não estão nas publicações dos perfis no período que designamos esta pesquisa. Desse modo, encontramos nas postagens mulheres cisgênero, que se trata do indivíduo cuja “identidade de gênero está em consonância com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer” (GARCIA, 2020,

s/p.)³. Sendo assim, mantemos unicamente aquilo que se encontra dentro dos três perfis, bem como no tempo estabelecido para este trabalho.

Dessa forma, problematizamos aqui o discurso que sustenta a construção da mulher no ambiente político do Brasil. Esses enunciados representam um novo modo de minimizar a interdição do sexo feminino em determinadas atividades, como também a diminuição da desigualdade de oportunidades existente entre o sexo feminino e masculino. Assim, analisamos como esse discurso é construído, mantido ou modificado pela mídia jornalística vigente no Instagram, captando seus enfrentamentos, seus discursos e a maneira como constroem identidades.

Por meio dos enunciados produzidos por três perfis jornalísticos no SRS Instagram, do jornal *Folha de S. Paulo*, revista *Carta Capital* e *O Antagonista*, no período eleitoral de 2018, buscamos analisar os mecanismos discursivos utilizados para a produção dos enunciados que versam sobre o sujeito mulher ou que denotem o seu apagamento.

Discurso e enunciado para Michel Foucault

Sabemos que Foucault não teve como objetivo primordial fundar uma teoria do e para o discurso; todavia, suas reflexões se mostram importantes para os estudiosos da AD. Desse modo, nos amparamos em alguns estudiosos da AD, como Fernandes (2012), Gregolin (2004) e Polla e Navarro (2013). À luz dessas discussões, esclarecemos diferentes questões a fim de desenvolvermos o presente trabalho de maneira mais concreta possível.

Consoante a Foucault (2016), compreendemos que o discurso é fruto e constituidor da historicidade, ou seja, é por meio dele que se torna possível a circulação de determinados dizeres na sociedade. Para Foucault (2014), o discurso está necessariamente interligado às condições socio-históricas de uma determinada conjuntura. O discurso, desse modo, constrói-se em meio a descontinuidades e rupturas, visto que esses aspectos são inerentes ao funcionamento da história. Sendo assim, para Foucault (2014), o discurso constrói e é fruto da história, cuja existência pode se materializar em enunciados verbais ou não verbais, como nas artes visuais, em imagens, fotografias, placas de trânsito e sonorizações, por exemplo. Nessas circunstâncias, para Foucault (2016), a história possibilita a existência do discurso, bem como o discurso

³ Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=80>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

constrói a história, em meio às relações entre saber e poder. Em função disso, a análise prevê observar os enunciados e os discursos em sua descontinuidade na história.

Assim, se analisarmos o discurso a respeito da mulher (na) política brasileira, devemos explorar quais as condições de possibilidade para o aparecimento de determinados enunciados, uma vez que a noção de discurso se desdobra na materialização de enunciados, que é aquilo que se encontra concretizado – mediante legenda ou imagem como no caso do Instagram, a título de exemplificação –, aquilo que existe em uma superfície, no espaço exterior e constituinte do discurso. O que ocorre na superfície do enunciado é fundamental para a composição do discurso, como também possui papel permissor para que o discurso seja posto em circulação, e isto acontece a partir das relações estabelecidas com a historicidade e exterioridade do objeto.

Como reflete Gregolin (2004, p. 23), “ele [Foucault] tematiza exatamente as condições epistemológicas que propiciaram o aparecimento de um campo no qual o homem é objeto e sujeito do saber”. Assim, a AD foucaultiana problematiza os saberes que circulam e constituem a sociedade, e por isso exige “acompanhar a transposição de limiares em que se vai constituindo a história (descontínua, dispersa) das saliências e reentrâncias desses saberes” (GREGOLIN, 2004, p. 24). Desta forma, busca-se compreender “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2014, p. 65), quais condições para o aparecimento de dado enunciado e restrição de outros e, afinal, como tudo isso relaciona para formar a unidade designada de discurso.

À vista disso abordamos um conceito basilar de Foucault (2016): a noção de enunciado. Essa concepção possui ligação com o discurso, uma vez que concerne à menor unidade de aparecimento do discurso. Temos a definição do enunciado como sua unidade elementar, trata-se de um fragmento que, em conformidade com certa regularidade, constitui e apresenta o discurso. Sendo assim, tendo nosso objeto de pesquisa como exemplo, fixamo-nos nos enunciados sobre a mulher (na) política brasileira expostos no Instagram, a partir de três perfis que discursivizam saberes acerca da mulher (na) política do país.

Desta forma, para Foucault (2016, p. 105):

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem [...].

Com isso, entendemos que a definição de enunciado não se encontra pela propriedade da língua, da gramática, uma vez que se trata de uma função de existência e, por isso, demanda

observação em seu exercício, associado às suas condições, às regras que possibilitam sua existência, como também diante do campo em que foi realizado tal enunciado. Quando tratamos do enunciado, nos referimos a certa função “que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2016, p. 105). Assim, reiteramos que, por se tratar de uma função, o enunciado deve ser descrito “em seu exercício, em suas condições, nas regras que a controlam e no campo em que se realiza” (FOUCAULT, 2016, p. 105), de modo que, nas publicações presentes nas mídias jornalísticas analisadas, existem sentidos sobre o exercício da mulher (na) política, já que o Instagram é utilizado para difundir informação, reforçar e esclarecer quanto a um fato acontecido. Este, por sua vez, como fato consumado admite diversos sentidos, assim como também permite a ocorrência do distanciamento.

Logo, segundo Foucault (2016, p. 34), trata-se de compreender o “enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação”, como também “determinar as condições de sua existência”, delimitar o espaço na superfície em que acontece a enunciação e, por conseguinte, “estabelecer suas correlações com os outros enunciados”, as quais podem estar associadas, para que ao fim se possa questionar: “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?”. Isto é, o que há de particular em tal enunciado? O que o distingue de outros, como também o que o identifica aos demais?

Desta forma, para Foucault (2016), o discurso precisa ser tomado como parte integrante da História e, por isso, faz-se importante compreender quais aspectos históricos possibilitam o aparecimento e o funcionamento de certo discurso. Ao olharmos para dada circunstância na história, como também nos fixando em suas transformações, assimilaremos quais foram os elementos históricos e sociais que cercam a produção do discurso e, a partir disso, absorveremos suas condições de possibilidade, bem como o que permitiu o aparecimento ou a ausência de algum discurso no cerne de determinada época. É a partir dessas reflexões que buscamos, nesta pesquisa, as regularidades discursivas existentes sobre a mulher (na) política brasileira no Instagram, buscando avaliar tal objeto a partir de toda historicidade que o cerca.

Não obstante, segundo Foucault (2016), a análise do enunciado só é possível por meio de sua particularidade designada como função enunciativa. Para o autor, tal função se desdobra em quatro domínios: referencial, posição sujeito, campo associado e existência material. Entende-se que:

O exercício da função enunciativa, suas condições, suas regras de controle, o campo em que ela se realiza estão no centro das reflexões de Foucault na Arqueologia do

Saber. Para Foucault, entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela História, que envolve a própria materialidade do enunciado (GREGOLIN, 2004, p. 27).

No que diz respeito ao primeiro domínio citado, Polla e Navarro (2013) explicam que o enunciado não possui correlatos, ou seja, não tem algo anexado a ele, mas há sim uma ligação e, portanto, há o domínio do referencial que, conforme Foucault (2016, p. 76):

Forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisa e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade.

O segundo desdobramento mencionado se refere à posição sujeito que não diz respeito ao sujeito empírico que formula o enunciado. No caso da “proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados 'enunciados’” é porque houve “na medida que pode ser assinalada a posição do sujeito” (FOUCAULT, 2016, p. 116). Então, “descrever uma formulação enquanto enunciado” consiste em “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2016, p. 116). Dessa forma, compreendemos que o segundo aspecto da função enunciativa, da perspectiva foucaultiana, se desloca do plano da imanência e individualidade de um sujeito particular para se referir a uma posição vazia que pode ser ocupada por sujeitos. Isto é, trata-se de “um lugar determinado vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2016, p. 115).

Em relação ao terceiro aspecto da função enunciativa, o campo associado, tem-se o elemento que “faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico” (FOUCAULT, 2016, p. 119); dessa forma, o funcionamento dos enunciados ocorre a partir da associação com um certo domínio de enunciados. Logo, sobre a referida noção, Foucault (2016, p. 120) assegura:

não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja.

A partir disso, verificamos a característica que diferencia o enunciado de uma construção gramatical, que para ser efetivada necessita apenas da existência de elementos e regras. Porém, a existência do enunciado se sucede apoiado a outros enunciados e, dessa maneira, “não há

nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (FOUCAULT, 2016, p. 121).

Para finalizar a concepção da função enunciativa, proferimos acerca de sua existência material, que corresponde à existência concreta do enunciado. Compreendemos que este último desdobramento é parte fundamental do enunciado e, como reflete Foucault (2016, p. 122), “Poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca – apenas alguns instantes – em uma memória ou em um espaço?”

Vimos que, do ponto de vista da AD Foucaultiana, essa materialidade não decorre do espaço que certo enunciado ocupa ou de sua data de divulgação, mas sim de sua condição de materialidade, de utilização, que pode ser modificada e está suscetível a renovações, como também ser utilizada novamente. Contudo, enfatizamos que, mesmo que se trate de uma repetição, a individualidade de um enunciado se submete aos demais elementos constituintes de tal enunciado, e assim ocorre junto de suas condições:

O regime de materialidade a que obedecem, necessariamente, os enunciados é, pois, mais da ordem da instituição do que da localização espaço-temporal; define antes possibilidades de reinscrição e de transcrição (mas também limiares e limites) do que individualidades limitadas e perecíveis (FOUCAULT, 2016, p. 125-126).

Por isso, é indispensável na hipótese de uma análise compreender o estatuto de sua materialidade em função/relação com a história. Ou seja, é essencial investigar as condições de possibilidade históricas em que determinado enunciado está inserido e verificar seu funcionamento, suas permissões e proibições, uma vez que

O enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga (FOUCAULT, 2016, p. 128).

Dessa maneira, é possível analisar o discurso sobre a mulher no Instagram por meio de sua função enunciativa, que estabelece regularidades. Conforme Gregolin (2004, p. 25), é a partir da descrição de um grupo de enunciados que vimos o que ele possui de singular, como “descrever a dispersão desses objetos, detectando uma regularidade, uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações, posições, funcionamentos, transformações”. Por isso, a título de exemplo, avaliamos as regularidades e as transformações dos enunciados, isto é, buscamos as regularidades de saberes acerca do papel da mulher na esfera política do país. A

realização de tais enunciados surge devido às condições de possibilidade ofertadas no momento histórico vigente desta investigação, bem como outras práticas e dizeres.

Assim sendo, a regularidade dos enunciados concerne ao grupo de enunciados que compõem um discurso e sustentam sentidos sobre determinado referencial. Conforme Foucault (2016, p. 143), diferentemente da regularidade de uma frase que pode ser definida pela regra de uma língua, “a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva”.

Então, no caso desta pesquisa, verificamos as regularidades que certificam sentidos sobre a realidade e atuação da mulher no campo político. Frisamos que não buscamos por enunciados idênticos, afinal compreendemos que os enunciados são singulares e, conseqüentemente, se distinguem um do outro. No entanto, há regularidades entre eles, que mesmo quando se distanciam, constituem um grupo e podem compor um mesmo discurso.

Para além do exercício da função enunciado, Foucault (2014) reflete que todo discurso funciona mediante a uma dada “ordem discursiva”, busca atender a um funcionamento específico. Frente a isso, o autor expõe que há procedimentos de controle e de delimitação do discurso, procedimentos que funcionam como sistemas de exclusão e são exercidos na exterioridade do discurso e que, para o teórico, se associam ao poder e ao desejo. Esses sistemas são denominados como interdição, vontade de verdade e separação ou rejeição; para este artigo em questão, iremos nos ater ao sistema de interdição.

A interdição, conforme o autor, trata-se de uma ferramenta de controle do discurso, ao reprimir o sujeito, uma vez que determina as regras do dizível no interior de determinado discurso a que um sujeito está submetido, impondo o que se pode ou não dizer. Para tanto, a interdição, segundo Foucault (2014), se estabelece a partir de três modos que se reforçam e se associam como em uma corrente: “o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (FOUCAULT, 2014, p. 9). O tabu do objeto é concernente à censura – isto é, a reprovação, o impedimento de circulação de determinado discurso na sociedade. Diz respeito a temas que são anulados e, dessa forma, não devem ser aceitos em nosso discurso. Dentre os principais assuntos postos em tabu, temos: a sexualidade e a política; o ritual da circunstância, que tange aos discursos que podem ser anunciados em circunstâncias específicas; e o direito do privilegiado, que concerne aos discursos que podem ser proferidos somente por determinados sujeitos.

Além disso, cabe destacar que, para Foucault (2014), as áreas em que a interdição atua de forma mais temível são nos domínios da sexualidade e da política, o que é relevante, tendo em vista que essas questões estão implicadas pelo objeto (mulher política brasileira) de nosso estudo e as buscaremos demonstrar na seção de análise.

A mulher ligada ao homem: a noção de família

O primeiro grupo, “A mulher ligada ao homem – a noção de família”, é composto pelos enunciados POA6, FSP16, FSP43, FSP48. O feito que se apresenta de forma constante nesse conjunto equivale ao vínculo da mulher atuante na política a algum homem igualmente ativo nessa área. Em alguns casos, esse aspecto se mostra na legenda, em outros unicamente na imagem, como também é possível notar a ocorrência desse aspecto dentro de todos os pontos constituintes da postagem. Neste caso, é plausível recorrermos às reflexões de Saffioti (2013) quanto às demandas do gênero feminino incorporadas à sociedade, e ponderar sobre os efeitos de sentido propagados por essas postagens.

Mediante os estudos da referida autora, somos capazes de compreender a desigualdade de direitos entre os gêneros e o quanto isso repercute na realidade da mulher no campo de trabalho, como também em demais áreas da sociedade. Assim, por meio dos fatos notados nas postagens que integram esse conjunto, somos capazes de perceber as vertentes propagadas, as quais expõem e reforçam os costumes operantes sobre o sexo feminino no Brasil. Este é posto como subordinado ao sexo masculino e, ainda, como aquele que permanentemente está conectado à noção de família – tendo como base o conceito de família tradicional, que, de acordo com Saffioti (2013), indica o homem como o “chefe da família”, aquele responsável pela tomada de decisões, e a mulher, sua subordinada. Vemos presente o que Rago (2014) expõe como o impulso do padrão de feminilidade, o paradigma da mulher como aquela que é “esposa dona-de-casa-mãe-de-família (p. 87), isso abarca o regime do que a autora denomina como “a colonização da mulher”. Por isso, ao analisarmos a mulher nas postagens, optamos por designar o segundo grupo como “a mulher ligada ao homem – a noção de família”, com destaque à concepção da família, a qual se entende estar corrente nesse conjunto, bem como está ao lado da característica que nota a associação entre esses dois sexos. Desse modo, tendo como exemplo de casos nos quais essa ligação acontece em todos os locais da postagem, trazemos POA6 e FSP43 (Figuras 1 e 2) para referenciar nossas análises.

Figura1 - Enunciado POA6



Fonte: Instagram.

No caso de POA6, ao olharmos para a legenda, vemos que a mulher aparece da seguinte forma: “Ana Amélia: [...]”, em seguida, “Leia a entrevista da candidata a vice de Alckmin [...]”.

Observa-se, assim, que a presença da mulher está presa ou sempre muito próxima à do homem; na postagem acima, a mulher é revelada como sendo a “vice”, ou seja, ela ocupa um lugar secundário ao homem a que surge associada na postagem. Além disso, no interior da imagem, podemos enxergar que a mulher é amplamente exposta, a fotografia com o fundo escuro dá amplo destaque para a agente pública, localizada no canto esquerdo da imagem e, ao seu lado direito, está escrito parte de um pronunciamento, o qual diz o seguinte: “Quem tem que julgar o Bolsonaro [...]”. Abaixo da referida citação, é possível contemplar a ocorrência de uma identificação de quem pronunciou a fala citada, que ocorre da seguinte maneira: “Ana Amélia, candidata a vice de Alckmin”.

Em outras palavras, em POA6, é viável compreender que o vínculo entre a mulher e o homem na política surge a todo instante, uma vez que isso emerge em ambos os locais da postagem, como também se mostra mais de uma vez no meio da imagem publicada, na qual podemos ver surgir tanto “Bolsonaro”, de modo destacado, ao lado do corpo da mulher, bem como aparece o nome da candidata próximo ao de Alckmin; dessa forma, esse sujeito, apesar de ser quem tem a voz, está sempre posta ao lado e/ou em detrimento do homem, sua relevância e importância também estão vinculadas a esse homem ao qual se faz referência. A mulher, na

Figura 1, só parece existir no discurso quando relacionada ao outro candidato. Na imagem, a face da mulher está exposta ao lado esquerdo e, ao lado direito, é apontado o homem “Bolsonaro”, rente ao rosto de Ana Amélia. A citação, que ocupa a maior parte da fotografia e surge em destaque na cor branca, se refere a um comunicado feito por Ana Amélia sobre Jair Bolsonaro e, diante do exposto, é possível notarmos mais uma vez a demonstração do vínculo da mulher ao homem. Ademais, especificamente no local que se destina à descrição de quem surge na fotografia, aparece “candidata a vice de Alckmin” e, dessa maneira, se revela outra vez a união da mulher a certo homem, uma vez que se poderia enunciar a mulher como uma cidadã, que é jornalista e já ocupa o cargo de senadora do Rio Grande do Sul e, na ocasião exposta, concorre ao cargo de vice-presidência da república. Assim sendo, vemos que, nesse momento, há ligação entre ambos os sexos de maneira excessiva e variada, fato que reforça o sentido de encadeamento entre a mulher e o homem na política e rememora a concepção do gênero feminino dependente do masculino, visto que isso se mostra abundantemente em tal postagem.

Em FSP43, a mulher aparece no centro da imagem, contudo, essa se manifesta por meio de uma placa, a qual surge quebrada em duas partes e sendo segurada por um dos homens presente na imagem. O gênero feminino se revela da seguinte maneira em ambos os pedaços da placa: “arielleFra” e, no meio da outra parte, “nco”; abaixo disso está a sua apresentação, descrita de modo minucioso. Isto é, sabemos que se trata de Marielle Franco e essa advém nas mãos de um dos homens presentes nessa imagem. Nesse momento, é possível vermos de modo mais claro dois homens e, possivelmente, um terceiro corpo atrás desses. Os dois surgem sorridentes e o que se apresenta ao lado esquerdo está com os braços em formato de “força”, enquanto o que se encontra mais ao centro segura os dois pedaços da placa que foi destruída, com uma camiseta preta, em que a imagem do então candidato Jair Bolsonaro está estampada.

Figura 2 - Enunciado FSP43



Fonte: Instagram.

É viável conceber que ambos os homens estão segurando essa mulher – corporificada por meio de uma placa destruída ao meio – como um “troféu”, visto que os sorrisos e o modo como a mulher aparece, destruída e sendo segurada pelo sexo masculino, nos conduz à concepção de uma comemoração, que parte do homem que carrega esse “troféu” em suas mãos, ao lado de outro homem que também se mostra contente.

Assim, avistamos o vínculo da mulher aos homens na imagem e, ainda dentro da legenda, que, em tal momento, se preocupa em descrever o que ocorre na imagem e quem está presente naquele local da postagem. Por isso, a associação do sexo feminino ao masculino permanece em ambos os espaços da postagem (imagem e legenda). Além disso, julgamos relevante o caso da historicidade, que contempla tal postagem, em razão de que essa se refere a uma mulher política brasileira assassinada no dia 14 de março de 2018. Esse caso obteve grande repercussão nos veículos jornalísticos no país, como também se encontra no período antecedente ao recolhimento desse material.

Discursivamente, há uma violência simbólica, que, de acordo com Pross (1980), pode ser definida como o uso de força para validar uma ideia sobre outras pessoas, por meio de signos (força simbólica), com o resultado de que essas pessoas identifiquem a ideia que o autor da “violência” queria passar. Santos (2017, p. 54) considera que “a violência simbólica se origina na violência bruta da qual se recorre da não suficiência da primeira, a base da violência simbólica estaria na contradição da orientação vertical e disposição horizontal dos signos”. Por meio desses dizeres, podemos concluir, então, que a violência apresentada em quebrar a placa

com o nome da Vereadora Marielle Franco, além de simbolicamente “matar a mulher”, diz muito sobre a contradição da orientação vertical, em que estariam o alto e o baixo nível, assim como o homem e a mulher; dessa forma, a mulher, ao ocupar este espaço, que, originalmente, não está posto como seu, faz com que ocorra essa quebra social da ordem dos signos.

Diante disso, é factível enxergamos o sexo feminino vinculado e subordinado ao masculino. Além do mais, consideramos pertinente a seguinte provocação, pensarmos se em tal caso expõe uma ocorrência marcada pela violência contra a mulher, visto que essa se manifesta de forma retalhada nas mãos de quem a segura, uma vez que, ao olharmos para essa imagem, estabelecemos a memória de quando pensamos em uma comemoração, na vitória de quem conquistou um troféu que, neste caso, se refere à mulher, localizada nas mãos de quem a segura, porém essa se apresenta espatifada, rasgada. Acerca da analogia estabelecida anteriormente, temos duas imagens abaixo, as quais detêm alguns corpos que revelam sorrisos, seguram troféus, com sorrisos nos rostos, como também a imagem de um homem que apresenta seu braço em posição de “força” e ambas as imagens indicam uma celebração e expõem o troféu resguardado em suas mãos, como um material que sinaliza seu êxito.

Figura 3 - Premiação do Oscar



Fonte: blog.365filmes.com.br.⁴

⁴ Disponível em: <<http://www.blog.365filmes.com.br/2016/02/Confira-lista-completa-dos-vencedores-do-Oscar-2016.html>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

Figura 4 - Comemoração da vitória



Fonte: olimpiadatododia.com.br⁵.

O êxito em rasgar e exibir o objeto que representa uma mulher, como apresentado na Figura 2, demonstra qual a posição em que as mulheres se encontram na sociedade, uma vez que, mesmo violadas e violentadas, são exibidas como troféus e parecem ganhar mais destaque dessa forma – como troféu de alguma figura masculina – do que pelos seus próprios atos, pela sua própria voz. Esse tipo de discurso, que diminui o sujeito mulher e o subordina ao homem, não é recorrente apenas na esfera política, mas permeia toda a sociedade e está presente nos mais diversos meios. Dessa forma, em cada uma dessas postagens, vemos a mulher ser representada atrelada a algum homem, que igualmente atua na esfera política no país. Em alguns casos, elas são expostas na imagem cercada por diversos homens, em outros momentos aparecem ao lado esquerdo de algum homem que, igualmente, é participante da política.

⁵ Disponível em: <<http://www.olimpiadatododia.com.br/curiosidades-olimpicas/246744-lista-dos-maiores-medalhistas-da-historia-dos-jogos-olimpicos/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

Figura 5 - Enunciado FPS16



Fonte: Instagram.

Figura 6 - Enunciado FPS48



Fonte: Instagram.

Em FSP16, Figura 5, a mulher aparece na imagem posicionada ao lado do homem, como também é exposta em uma altura abaixo dele. A expressão que se revela da mulher é de atenção ao que o homem diz próximo ao seu ouvido. Nesse caso, a mulher – Janaína Paschoal – se apresenta com a boca entreaberta, sua testa é mostrada de modo enrugado e sobrancelhas desenhadas de forma alta, ratificando interesse e preocupação a quem se apresenta do lado direito dela na imagem. Diante desses dois exemplos citados, vemos que existe a associação ao homem em ambas as postagens, no entanto são apresentadas de maneiras distintas. Em uma

ocorrência, a associação se manifesta exclusivamente dentro da legenda da postagem, como em FSP48; contudo, no caso da FSP16, tal conexão pode ser reconhecida nos dois pontos que constituem a postagem, já que é provável notar a mulher ligada ao homem tanto na imagem quanto na legenda – tendo como exemplo a FSP48, que exibe o nome da mulher perto de Jair Bolsonaro, que na época era candidato ao cargo de presidência da República.

Quando olhamos para as legendas, em certos casos, o gênero feminino se manifesta associada ao masculino, por vezes é exposta no meio de tal legenda, como também aparece entre outros atuantes. Em alguns casos, a legenda produz tanto o vínculo quanto uma noção de submissão da mulher ao homem, como vemos em FSP48, que surge o seguinte texto: “Janaína Paschoal é a deputada mais votada da história – Puxada por Jair Bolsonaro [...]”. Ao olharmos tal acontecimento, podemos visualizar a associação e a concepção de uma dependência que parte da mulher, que foi “puxada” pelo homem ao ambiente político. Isto é, analisando o referido enunciado, é possível compreender que essa mulher foi deslocada e então beneficiada pelo o homem e, ainda, que sua atuação se dá em virtude desse homem que a “carrega” para determinado espaço. Ponderando sobre a colocação do verbo “puxar”, este indica que o homem é quem a “puxou”, ou seja, quem a levou, bem como desempenhou e, portanto, é o responsável pelo sucesso e integração dessa mulher ao lugar político no país. Da mesma maneira, é possível vermos tais sentidos acerca da condição feminina dentro da narrativa histórica da mulher.

No entanto, em relação ao sexo masculino, é apresentado como aquele que provoca a aparição da mulher, é superior, tem autoridade e está capacitado sobre/para as ações práticas. Acerca da condição feminina, o sucesso está frequentemente atrelado ao masculino, conseguimos refletir sobre isso, por exemplo, se avaliarmos a concepção do casamento. Não raro, esse é compreendido como uma forma de a mulher obter garantia de estabilidade e progredir economicamente. Ademais, considerando diversos fatores históricos no que diz respeito aos sexos, bem como acerca da conjuntura patriarcal (DEL PRIORE, 2020), lembramos que “as mulheres, dada sua incapacidade civil, levavam uma existência dependente de seus maridos” (SAFFIOTI, 2013, p. 63). E também, em relação às práticas de poder, as quais instituem autoridade, existiu uma diferença entre a mulher e o homem, que se revela na presença de “manuais orientando-as a obedecer ao marido, jamais dispor de seus bens sem consentimento dele e não se levantar da mesa sem sua anuência” (DEL PRIORE, 2020, p. 19). Isso significa que a narrativa existente sobre o sexo feminino constantemente o conecta ao masculino e o classifica de maneira subalterna, como incapacitado e, por isso, carece da “tutela de um homem, marido” (SAFFIOTI, 2013, p. 62). Melhor dizendo, para a mulher adentrar o campo político,

atividade que se estabelece de modo empírico e competitivo, necessariamente essa deverá se associar a algum homem político.

Essas postagens reforçam os efeitos de sentido sobre a mulher ter aptidão para existir e agir na área política, entretanto, conforme nosso gesto de leitura, tal mulher surge constantemente presa a algum homem e, então, ainda necessita de determinada permissão, ligação com algum homem, para que seja capaz de atingir suas conquistas, já que, no material que aqui nos serve como *corpus*, discursivamente, a mulher é apresentada como sujeito intrinsecamente dependente do homem e que ainda está em segundo plano em relação a ele. Tudo isso nos conduz às vertentes da história sobre a condição feminina em nossa sociedade, a qual acreditava que “a obediência da mulher ao marido era uma norma ditada pela tradição” (SAFFIOTI, 2013, p. 63), assim como compreendemos a noção de que “o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso” (SAFFIOTI, 2013, p. 63). A partir disso, numa transposição para outro campo – da família para a política –, a mulher constantemente é enunciada – dentro dos diferentes elementos constituintes das postagens – sempre presa ao homem, seja na imagem ou na legenda as quais apontam isso. Essa ideia de vínculo e dependência masculina resvala também na da história das “Mulheres no poder”⁶.

Diante disso, é possível destacar a constância de manifestação do sexo feminino nesse meio unida ao homem, como também, em diversos casos, conforme Schumacher e Ceva (2015), a mulher sobrevém com objetivo de substituir algum homem – geralmente, membro de sua família – que detinha algum cargo político. Assim, no momento em que notamos o caso de Lígia Doutel de Andrade, percebemos que sua introdução é revelada da seguinte maneira:

creceu convivendo com a política e, ao casar-se, herdou o sobrenome e o prestígio político de seu marido, o deputado federal Armindo Marcílio Doutel de Andrade, cujo mandato foi cassado [...]. Diante do impedimento do marido, Lígia foi estimulada a entrar para o mundo da política partidária [...] (SCHUMACHER; CEVA, 2015, p. 120).

Em seguida, quando enxergamos outro caso, de Maria Lucia Melo de Araújo, eleita ao cargo de deputada federal, esse fato é apresentado deste modo:

casou-se com o político acreano José Augusto de Araújo, primeiro governador do estado do Acre. [...] O marido de Maria Lucia foi cassado pelo regime militar [...] quando ela se tornou sua sucessora política [...] aproveitando o vácuo político deixado

⁶ Refere-se ao estudo de Schuma Schumacher e Antonia Ceva, em *Mulheres no poder: trajetórias na política a partir da luta das sufragistas do Brasil*.

pelo companheiro, candidatou-se ao cargo [...] (SCHUMAHER; CEVA, 2015, p. 121).

Com base nesse trecho, vemos que a mulher está exibida como aquela que “herdou o sobrenome e o prestígio político” e, também, essa que necessita e se aproveita do “vácuo político deixado pelo companheiro” (SCHUMAHER; CEVA, 2015, p. 121). Ou seja, há um dado funcionamento discursivo que coloca em circulação a ideia de que mulher está sempre ligada e subjugada ao homem. Por meio disso, vemos que essa concepção não está presente apenas nas postagens divulgadas pelos perfis selecionados, visto que conseguimos encontrar enunciados semelhantes na narrativa acerca da presença da mulher na política brasileira, como discutido anteriormente.

A invisibilidade da mulher (na) política

No segundo grupo, a invisibilidade da mulher na política, a ocorrência que vemos nesses enunciados, em relação à mulher, se refere ao modo como essa é apresentada na postagem, tanto no espaço da legenda quanto na imagem que constitui tal postagem.

Dessa maneira, trazemos para análise os casos FSP14, FSP30, FSP34, FSP46 (Figuras 7, 8, 9 e 10, respectivamente). Nota-se, em tais postagens, uma dificuldade para vislumbrar a presença da mulher e, por isso, é viável contemplar o que designamos como a invisibilidade da mulher atuante na política.

Figura 7 - Enunciado FSP14



F
Fonte: Instagram.

Figura 9 - Enunciado FSP34

The image shows the front page of the newspaper 'FOLHA DE S. PAULO' from Saturday, September 15, 2018. The main headline reads 'Bolsonaro vai a 26%; Haddad empata com Ciro e Alckmin'. Below the headline, there is a sub-headline: 'Datafolha mostra melhor desempenho do deputado no 2º turno, ascensão da preta e aumento de sua rejeição'. The page features several charts and smaller articles, including one about 'JUSTIÇA PARA MARIELLE' and another about 'HÁ SEIS MESES SEM SABER QUEM MATOU MARIELLE FRANCO'. The Instagram post interface shows the profile of 'folhadespaulo', the caption 'Bom dia! Essa é a capa da #folha deste sábado (15) #folhadespaulo #fsp#folha #folhadespaulo #fsp', and engagement metrics like '72 sem', '1 curtida', and 'Responder'.

Fonte: Instagram Folha de S. Paulo.

Figura 10 - Enunciado FSP46

The image shows the front page of the newspaper 'FOLHA DE S. PAULO' from Sunday, October 7, 2018. The main headline reads 'Bolsonaro lidera; vantagem de Haddad sobre Ciro diminui'. Below the headline, there is a sub-headline: 'Pesquisa Datafolha realizada na sexta e no sábado mostra que 22% dos eleitores ainda podem mudar seu voto'. The page features a large graphic with three candidates' faces and their respective percentages: 40% for Bolsonaro, 25% for Haddad, and 15% for Ciro. Other articles include 'MATCH ELEITORAL: FERRAMENTA CHEGA A 1 MILHÃO DE TESTES COMPLETADOS; ACHOU SEU CANDIDATO A DEPUTADO FEDERAL E A SENADOR' and 'TIGGO 3: O QUANTO MAIS ALTA A TECNOLOGIA E A QUALIDADE DE UM CARRO, MAIS BAIXO O PREÇO DO SEGURO'. The Instagram post interface shows the profile of 'folhadespaulo', the caption 'Bom dia! Essa é a capa da #folha deste domingo (7) #folha #folhadespaulo #fsp', and engagement metrics like '69 sem', '1 curtida', and 'Responder'.

Fonte: Instagram.

Figura 10.1 - Enunciado FSP46 (destaque)

Pesquisa Datafolha realizada na sexta e no sábado mostra que 22% dos eleitores ainda podem mudar seu voto



Quadro 1 - Contabilidade de postagem nos Perfis

Perfil	Período / Quantidade de Postagem		
	1 a 31 de agosto	1 a 30 de setembro	1 a 7 de outubro
Carta Capital	6 Homem 2 Mulher	3 Homem 0 Mulher	0 Homem 1 Mulher
O Antagonista	27 Homem 5 Mulher	15 Homem 1 Mulher	4 Homem 0 Mulher
Folha de S. Paulo	51 Homem 16 Mulher	55 Homem 14 Mulher	19 Homem 9 Mulher

Fonte: A autora.

Podemos observar, então, como o gênero feminino operante na política é diminuído e menos exposto nesses perfis. Com isso, se estabelecermos um confronto entre a exposição do sexo masculino e feminino, vemos que é possível analisar que, ao mesmo tempo em que o homem aparece no meio de 180 postagens, a mulher é exibida somente em 48 postagens. Isto é, há uma disparidade na enunciação de ambos os sexos e, visivelmente, a mulher surge de modo contraído, ínfimo e desproporcional dentro dos perfis jornalísticos estipulados.

Ademais, regressando às postagens citadas, destacamos que os enunciados nos quais o gênero feminino aparece demonstram a carência e banalidade sobre o comparecimento da mulher no espaço político no país. Com esse fato, compreendemos que, para reconhecer o aparecimento da mulher nas postagens desses perfis, faz-se necessário algum esforço de quem observa a exibição; esforço visual e físico – como utilizar as funcionalidades que são oferecidas aos usuários do Instagram, algumas ferramentas de aproximação e aumento da imagem que é exibida na tela de quem acessa ao SRS.

Desta forma, nas postagens veiculadas por estes 3 perfis jornalísticos, a mulher atuante na política manifesta-se de modo insignificante, visto que não aparece de maneira que seja perceptível ao público dos perfis, assim como é apresentada em posições secundárias, que não demonstram visibilidade de forma explícita. Destarte, pela ausência – ou seja, justamente por aquilo que não é dito – é que se coloca em circulação um discurso que não reafirma a posição da mulher na política. Não obstante, essa regularidade discursiva tem como condição de possibilidade a própria história da (não) presença da mulher na política, como refletido na seção anterior, trata-se do desaparecimento, bem como a dissimulação do sexo feminino dentro das postagens.

Assim, com as postagens, observa-se ausência demarcada por meio do impedimento, da redução e posição apresentadas nas postagens. Sabemos que esses aspectos também eram recorrentes dentro das práticas históricas que circulavam no corpo social, de práticas que excluíram a mulher do trabalho alheio à casa, de posições superiores em empresas, práticas que há muito tempo tornam o sujeito mulher invisível quando se trata de esferas consideradas socialmente masculinas, ou seja, presenciamos a (re)afirmação dessas práticas e que, mesmo com vários avanços, ainda se encontram discursivamente difundidas e experimentadas pelos sujeitos que resistem em subvertê-las e ainda são invisíveis em um campo considerado majoritariamente masculino. Naquele tempo, as demarcações eram conduzidas de outras formas, por outros meios, atualmente, vemos sua reprodução também nos SRSs, tal qual no Instagram – que surge em 2010 e que possibilita a veiculação e acesso à notícia de modo rápido, gratuito e acessível a todo instante.

Considerações finais

Avaliamos que, mesmo com esse esforço, a proporção de tarefas exercidas por mulheres no período dos anos 2000 e, em especial, em 2017, tempo que antecede ao estipulado para esta pesquisa, a parcela de participantes do sexo feminino no ambiente político do país era inferior ao que se conjecturava. Além do que, especificamente, de acordo com dados do IBGE, a presença feminina dentro do “Congresso Nacional era de 11,3%. No Senado Federal, composto por eleições majoritárias, 16,0% dos senadores eram mulheres e, na Câmara dos Deputados, composta por eleições proporcionais, apenas 10,5% dos deputados federais era mulheres” (IBGE, 2017, p. 9).

Assim, depreendemos que ainda que a mulher desfrute de algumas conquistas no campo de trabalho, em particular no interior do universo político, nota-se que tal garantia necessita ser assegurada com variadas regulamentações, como legislação política, estatuto de cotas etc. Não obstante, para além da sua presença no exercício político no país, há algo que nos inquieta: como as mulheres que ocupam cargos políticos no Brasil são colocadas em discurso pela mídia? Em vista disso, levantamos a seguinte pergunta de pesquisa: “Como se dá a construção discursiva da mulher (na) política brasileira a partir das postagens de veículos jornalísticos no Instagram?”

Desse modo, nos inserimos em um cenário repleto de leis e políticas que propõem práticas afirmativas, as quais preveem a introdução da mulher no âmbito político no país, o que

lança um novo olhar sobre a existência do gênero feminino na sociedade. No entanto, concebemos que a história se mobiliza de maneira descontínua, de modo irregular, o que nos faz crer que a maneira de colocar a mulher em discurso na atualidade – essa que analisamos nos anos 2000 – ainda não alcançou seu êxito, assim como não conseguiu se “desamarrar” do homem e da noção de família. Vemos que ainda é possível olhar para o gênero feminino completamente coeso àquela imagem tradicional da mulher, que é revelada como sujeito dependente do marido, da concordância de algum homem e, portanto, do casamento. Destarte, encontramos o gênero feminino atuante na política exposto de maneira minimizada e, além disso, se comparado à apresentação existente acerca do gênero masculino, fica evidente a restrição que há nas postagens dos perfis de notícias do Instagram. Assim sendo, notamos que a introdução da mulher no campo político ainda equivale à concepção tradicional que se tem da mulher, que expõe essa como sendo submissa a algum homem, assim como aquela que sempre necessita da proteção do homem por ser incapaz de alcançar as esferas de poder no corpo social.

Desta forma, evidenciamos que a percepção notada sobre as postagens que expõem a mulher (na) política no país nos conduz às seguintes noções acerca desse tema: a princípio, vemos que o gênero feminino atuante em tal esfera está invisível no interior das postagens nos perfis retratados. Com base na análise, feita a partir do material recolhido, somos aptos a compreender o panorama da invisibilidade da mulher (na) política dentro dos três perfis noticiosos. Nos perfis analisados, o gênero feminino aparece de maneira insignificante – em especial, se comparada à quantidade de vezes que o homem atuante na política é apresentado, essa é minuciosamente exposta nas postagens – e, ainda, no perfil em que a mulher aparece, recorrentemente, isso ocorre de forma discreta, em tamanho minúsculo. Na maioria das publicações, a mulher está imperceptível ao nosso olhar. Ou seja, encontramos a mulher que age na política revelada de maneira diminuída, o que torna tal presença praticamente imperceptível ao leitor, fazendo com que esta seja apagada não só na publicação, mas na história, no social e, principalmente, dentro da esfera política brasileira.

Além disso, nos atentamos também à reprodução do gênero feminino vinculado ao homem atuante na esfera política. É perceptível que, no momento em que a mulher surge dentro do terreno político no país, essa está fixada a algum homem, tanto na imagem quanto na legenda das postagens analisadas. Avaliamos que tal vínculo não é apresentado apenas como uma ligação ou parceria; trata-se de expor a mulher como quem está subjugada e, ainda, como quem foi agraciada por determinado homem que atua na política. Assim, a mulher é enunciada como incapacitada de existir e conquistar esse local por sua própria competência e por isso carece dessa união. Desse mesmo modo, existe a exposição da noção de família, em que o homem está

em primeiro plano e a mulher age por trás deste, sempre em segundo plano e, mesmo que esta mulher tente se colocar como foco, acaba ficando atrelada a alguma figura masculina, seja esta sendo a vice candidata, ou sem relações políticas diretas. Diante disso, o que podemos constatar é que, nas postagens arroladas dentro dos perfis de notícias do Instagram, a mulher constantemente é enunciada como aliada, bem como parte de uma figura masculina.

Desta forma, refletimos que nas postagens exibidas nos perfis jornalísticos presentes no SRS Instagram que nos serviram como objeto de pesquisa há uma invisibilidade do sujeito mulher (na) política, pormenorizando sua imagem em muitas de suas publicações. Além disso, as publicações em que se dá o destaque para as mulheres são ínfimas, de tal modo que, não raro, a mulher se encontra vinculada ao homem e apareça em segundo plano. Ademais, compreendemos que a mulher na política, mesmo nos cargos mais altos, não está livre dos estereótipos que a subjugam e a inferiorizam em detrimento do homem. Essa mulher amparada pela figura masculina se torna quase esquecível nas postagens veiculadas nos perfis jornalísticos que nos serviram como objeto de estudo.

Discursivamente, são muitas as estratégias de apagamento e de exclusão deste sujeito, assim como são muitas as formas de resistência, que partem, principalmente, da ruptura de códigos sociais que determinam em quais lugares as mulheres podem ou não estar. O sujeito mulher (na) política se mostra ativo “para” e “além” das estratégias de poder que buscam diminuí-las, inviabilizá-las, apagá-las da e na história.

Referências

BRASIL. Decreto-lei nº 9.100, de 29 de setembro de 1995. Estabelece normas para a realização das eleições municipais. **Presidência da República**, Brasília, DF, 29 set. 1995. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9100.htm>. Acesso em: 18 abr. 2019.

BRASIL. Decreto-lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, DF, 30 set. 1997. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/lei-das-eleicoes/lei-das-eleicoes-lei-nb0-9.504-de-30-de-setembro-de-1997>>. Acesso em: 18 set. 2018.

BRASIL. Projeto de lei do Senado, nº 98, de 2015. Altera a redação dos artigos 147 e 148 da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. **Senado Federal**, Brasília, DF, 11 mar. 2015. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleggetter/documento?dm=4756851&ts=1553283186542&disposition=inline>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro Editora Civilização Brasileira, 2018.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e Sujeito em Michel Foucault**. Intermeios: São Paulo, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

GARCIA, Dantielli Assumpção. Cisgênero. In: ORLANDI, E. **Enciclopédia discursiva da cidade**. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=80>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

GREGOLIN, M. R. Michel Foucault: o discurso das tramas da história. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Org.). **Análise do discurso**. Unidade e Dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2004, p. 19-42.

GRUPO GLOBO. Site oficial Grupo Globo. **Áreas de atuação do grupo globo**. Disponível em: <<https://grupoglobo.globo.com/quem-somos/>>. Acesso em: 5 maio 2019.

GRUPO FOLHA. Site oficial Grupo Folha. **Conheça o grupo folha**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>>. Acesso em: 5 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6692>

POLLA, Daniela; NAVARRO, Pedro. O sujeito idoso tecnológico: um movimento descritivo-analítico. IV CONALI, **Anais...**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder: teoría y práctica de la comunicación pública**. Barcelona: G. Gili, 1980.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

SANTOS, Regma Maria dos. Comunicação, coerção e violência simbólica. In: FERNANDES, C. A. (Org.). **A violência na contemporaneidade: do simbólico ao letal**. São Paulo: Intermeios, 2017, p. 47-61.

SEMANA da mulher: primeira prefeita eleita no Brasil foi a potiguar Alzira Soriano. Comunicação. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, 5 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2013/Marco/semana-da-mulher-primeira-prefeita-eleita-no-brasil-foi-a-potiguar-alzira-solano>>. Acesso em: 5 jun. 2019

SCHUMAHER, Schuma; CEVA, Antonia. **Mulheres no poder**: trajetórias na política a partir da luta das sufragistas do Brasil. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

Recebido em: 10 de julho de 2021

Aceito em: 21 de setembro de 2021